

Autorização concedida a Biblioteca Central da Universidade de Brasília pela autora Daniela Braga Santos para disponibilizar a obra, gratuitamente, de acordo com a licença conforme permissões assinalada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da obra, a partir desta data.

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

#### Referência

SANTOS, Daniela Braga; SILVA, Carolina Pescatori Candido da. A cidade pós-covid-19: reflexões sobre a mobilidade urbana pela perspectiva de gênero na América Latina. In: **SEMINÁRIO MULHER, CIDADE E ARQUITETURA - SMCA**, 4., 2024, Brasília. *Anais eletrônicos*. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/4-smca-446006/>. Acesso em: 6 out. 2025.

4SM  
CA

REFAÇAMOS A VIDA

4º Seminário Mulher, Cidade e Arquitetura

31 de julho a 02 de agosto de 2024 — Universidade de Brasília.UnB

## **A CIDADE PÓS-COVID-19: REFLEXÕES SOBRE A MOBILIDADE URBANA PELA PERSPECTIVA DE GÊNERO NA AMÉRICA LATINA**

EIXO TEMÁTICO: Mulheres em movimento

Daniela Braga Santos  
Carolina Pescatori Candido da Silva

## RESUMO

Este artigo colabora com reflexões sobre a mobilidade urbana sob a perspectiva de gênero da mulher latino-americana, identificando e analisando as suas vulnerabilidades e necessidades negligenciadas na cidade durante a pandemia de COVID-19 (2020 a 2021) e no pós-pandemia. Assim, debatemos o impacto que a malha urbana e a distribuição de equipamentos urbanos impõem sobre a mobilidade da mulher no seu direito à cidade. Para tanto, estabelecemos um panorama de dados gerais de mobilidade das mulheres e ações de planejamento voltadas para melhorar a mobilidade delas.

Palavras-chave: Covid-19, mobilidade urbana, gênero, América Latina.

## RESUMEN

Este artículo contribuye a la reflexión sobre la movilidad urbana desde la perspectiva de género de las mujeres latinoamericanas, identificando y analizando sus vulnerabilidades y necesidades desatendidas en la ciudad durante y después de la pandemia del COVID-19. De este modo, se debate el impacto que el tejido urbano y la distribución de los equipamientos urbanos tienen sobre la movilidad de las mujeres y su derecho a la ciudad. De este modo, se establece un panorama de datos generales sobre la movilidad de las mujeres y la planificación de acciones dirigidas a mejorar su movilidad.

Palabras clave: Covid-19, planificación urbana, movilidad urbana, género, América Latina.

## INTRODUÇÃO

A estrutura da cidade, sua construção e seu planejamento são realizados a partir da perspectiva do gênero masculino e refletem as desigualdades de gênero, classe e raça, onde o espaço público é apropriado de diferentes maneiras conforme os grupos sociais (SITO e FELIX 2021; KERN, 2021; BERTH, 2023). Para as mulheres, a desigualdade de gênero é o eixo de discriminação que, juntamente com outras vulnerabilidades como a maior exposição à violência e ao assédio, restringem sua locomoção e interferem nas práticas das atividades cotidianas. (VISWANATH, 2023; KERN, 2021). Assim, o artigo propõe uma reflexão de como a pandemia impactou a mobilidade das mulheres latino-americanas durante e depois da pandemia de COVID-19, debatendo como a percepção e a segurança efetiva dos espaços públicos é compreendida de forma diferente pelas mulheres.

## MOBILIDADE DAS MULHERES LATINO-AMERICANAS E A PANDEMIA DE COVID-19

As cidades latino-americanas enfrentam diversos problemas semelhantes, característicos dos processos de urbanização profundamente desiguais da periferia do capitalismo global. Segundo Laura Pérez (2020), em amplo estudo sobre a mobilidade das mulheres antes e depois da pandemia, um dos mais recorrentes é a desigualdade de gênero na mobilidade urbana, pois esta é construída e operada por planos e sistemas baseados na mobilidade do homem, o que indica uma importantíssima lacuna no planejamento urbano voltado às mulheres.

Mover-se pela cidade é um ato que varia muito conforme o gênero da pessoa, pois os papéis sociais determinam as demandas por mobilidade, e os papéis de cuidado são majoritariamente realizados (e impostos) às mulheres. O termo “mobilidade do cuidado” busca explicitar essas diferenças, reconhecendo o trabalho do cuidado e as viagens com características específicas por ele geradas (Sánchez de Madariaga, 2009 e 2016). Estas são ligadas “a bens, serviços e atividades que permitem às pessoas alimentar-se, educar-se, estarem sãs e viver em uma habitação adequada. Abarca, portanto, o cuidado material que implica um trabalho, o cuidado econômico que envolve um custo e o cuidado psicológico que se desdobra em vínculo afetivo” (Batthyány, 2004). Sem dúvida, de forma ampla na América Latina, os padrões de mobilidade masculinos estão mais

relacionados ao trabalho produtivo, enquanto os das mulheres ao trabalho do cuidado. Estas viagens são mais frequentes, mais curtas, são majoritariamente realizadas por transporte público ou a pé e têm destinos mais dispersos, ligados às demandas das pessoas de quem as mulheres cuidam (crianças, idosos, doentes) (SUTP, 2018)

O quadro da Figura 1 apresenta uma comparação entre mobilidade para fins produtivos e de cuidado.

| <b>Mobilidade com fins produtivos</b>   | <b>Mobilidade do cuidado</b>  |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"><li>• Anteriormente realizados por homens e cada vez mais pelas mulheres</li><li>• Da casa ao trabalho e do trabalho à casa</li><li>• Viagens longas em tempo e distância</li><li>• Se realizam, em sua maioria, em transporte público ou em automóvel.</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Viagens realizados principalmente por mulheres</li><li>• Viagens mais variadas (destinos dispersos ou cadeia de viagem).</li><li>• Viagens mais curtas em tempo e distância</li><li>• Majoritariamente pelo caminhar ou em transporte público e em automóvel (segundo o nível socioeconômico).</li><li>• Frequentemente envolvem mais de uma pessoa</li><li>• Mais coisas são carregadas (bolsas, ferramentas para o cuidado, etc.)</li></ul> |

Figura 1. Mobilidade com fins produtivos X mobilidade do cuidado  
Fonte: M Casas, C Lara, C Espinosa – 2019. Modificado pela autora.

Pérez (2020) identificou que durante a pandemia as mulheres latino americanas tiveram que buscar alternativas de transporte devido ao fechamento e limitações de rotas de serviços. Isso implicou no aumento do gasto com o transporte e impactou principalmente as mulheres chefes de família, justamente pela diminuição da renda. A pesquisadora pontuou os principais aspectos que afetam a experiência da mobilidade para as mulheres: dificuldade em realizar atividades cotidianas e vinculadas ao trabalho;

redução de viagens pendulares devido ao teletrabalho e aumento de deslocamentos menores de 1 km; acesso restringido às oportunidades para obter renda, principalmente para emprego informal para as mulheres (comerciantes, ambulantes, etc.) ou em situação de pobreza; acesso restringido a serviços públicos, em particular de saúde para as mulheres que vivem em zonas urbanas periféricas ou rurais.

Para Pérez (2020), havia uma impossibilidade das mulheres permanecerem em casa, dada a maior proporção de mulheres nas atividades consideradas essenciais durante a pandemia, assim como havia o medo da contaminação e da violência em espaços públicos. Isso fez com que 93% das mulheres mudassem o comportamento de viagem, optando, por vezes, por meio de transportes mais caros, que eram vistos como mais seguros.

A questão da segurança tanto no meio de transporte como no espaço público é também discutida por Méndez (2023) que destaca que 50,1% das mulheres deixam de usar o táxi, mesmo sendo as principais usuárias; 49,3% deixam de caminhar (a pé) e 30,1% deixam de usar o transporte público. Além das mulheres, apresentam um pico máximo de fluxo de viagem entre às 12h e 14h, prevalecendo as viagens de compras e visitas ao médico, fazendo mais viagens do que os homens durante esse mesmo fluxo de horário.

Para Gabriel Pérez (2019), as cidades da América Latina e do Caribe continuam distantes das condições necessárias para atingir boa qualidade do serviço de transporte público o que, por sua vez, reflete e acentua as desigualdades entre homens e mulheres, tanto nos setores urbanos quanto nos rurais.

### **MOBILIDADE URBANA LATINO-AMERICANA NA PÓS-PANDEMIA**

Martínez; Maldonado e Schönsteiner (2022) afirmam que a mobilidade urbana da América Latina é desigual, privilegiando grupos específicos e excluindo outros. Também conclui que a mobilidade urbana deve ser vista a partir da sua dimensão social, com o enfoque de gênero e desigualdade social, para identificar quais instrumentos políticos favorecem a efetivação dos direitos humanos nos sistemas de mobilidade.

Já no planejamento urbano, discute-se a ausência/negligência de medidas que considerem necessidades específicas para o público feminino. Essa é

uma forma de não reconhecer o papel atuante da mulher na sociedade. Como resultado, a mulher sofre com “barreiras invisíveis” que podem ser exemplificadas, dentro de outras categorias, como trajetos considerados menos seguros a se percorrer em horários sem muito fluxo de pessoas ou com pouca iluminação.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade é a reprodução do discurso cultural do patriarcado que continua a produzir espaços urbanos para os homens. Isso se reflete nas “barreiras invisíveis” enfrentadas pelas mulheres, assim como na sua vulnerabilidade feminina, seja no meio de transporte ou no espaço público. Esses aspectos evidenciam a negligência do Estado para sanar essas desigualdades de gênero que configuram a cidade, por meio de ações públicas efetivas que estejam alinhadas às necessidades cotidianas das cidadãs. Dessa forma, cabe ao Estado adotar políticas públicas que contemplem os direitos humanos, na perspectiva de gênero, para as mulheres exercerem o seu direito na cidade, e tenham suas necessidades atendidas nos sistemas de mobilidade, reduzindo assim os padrões de violação de direitos, desigualdade e discriminação.

### REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.

KERN, Leslie. Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

MARTÍNEZ, Rodrigo; MALDONADO, Carlos; SCHÖNSTEINER, Judith. (Eds.). **Inclusão e mobilidade urbana com um enfoque de direitos humanos e igualdade de gênero: marco de análise e identificação de instrumentos de política para o desenvolvimento de sistemas sustentáveis de mobilidade urbana na América Latina** (Documento de Projetos LC/TS.2022/74). Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), 2022.

MÉNDEZ, Gisela Irene. **Anatomía de la Movilidad**. 2023. Disponível em: <<https://ensambleurbano.blog/category/anatomia-de-la-movilidad/page/2/>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

PÉREZ, Gabriel. **Políticas de movilidad y consideraciones de género en América Latina**. Série Comércio Internacional, n. 152 (LC/TS.2019/108). Santiago: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), 2019.

PÉREZ, Laura. **¿Cómo se mueven las mujeres latinoamericanas durante la pandemia?**. EUROCLIMA+ y Mujeres en Movimiento. Disponível em: <<https://www.euroclima.org/contact-9/noticia-urbano/915-como-se-mueven-las-mujeres-latinoamericanas-durante-la-pandemia-2>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SITO, Laura; FELIX, Mariana de. (Orgs.). **E se as cidades fossem pensadas por mulheres**. Zouk, 2021.

VISWANATH, Kalpana. **Female Changemakers for Sustainable Mobility**. Women Mobilize Women, 2023.